

A micro-história como método para um contemporâneo digital

Gilmar Montargil

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Porto Alegre, RS, Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6490-4437>

Maíra Ines Vendrame

Universidade Federal de Pelotas, Programa de Pós-Graduação em História, Pelotas, RS, Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5658-076X>

Resumo

Em entrevista realizada em 26 de maio de 2023, Maíra Ines Vendrame – uma das principais defensoras da utilização da micro-história no Brasil – esclarece aspectos do contexto italiano em que tal perspectiva se origina a partir de expoentes como Carlo Ginzburg, Giovanni Levi e Edoardo Grendi, de como ganha amplitude internacional e passa a influenciar a produção acadêmica brasileira a partir dos anos 1980. A micro-história é método e visa justamente de um olhar microscópico desnudar relações e sentidos mais amplos para o social. A conversa também tensionou a micro-história com um contemporâneo marcado pela efemeridade da internet e das redes sociais digitais – o que possibilitou Vendrame discutir o papel do cientista frente a arquivos e fontes que se corrompem e a aplicação do olhar micro-histórico em séries, filmes, games e outros mundos ficcionais.

Palavras-chave

micro-história; paradigma indiciário; arquivos corrompidos; Giovanni Levi; Carlo Ginzburg

1 Apresentação

Esta entrevista ocorreu em 26 de maio de 2023. A pedido da *Intexto*, revisito esta apresentação três anos depois a fim de dar ao leitor um panorama teórico e contextual desta conversa. Maíra Ines Vendrame e eu conversamos dois dias depois da morte de Tina Turner e 18 dias depois da morte de Rita Lee, de modo que naquele momento os jornais reverenciavam

essas duas mulheres como rainhas do rock & roll¹ em homenagens e obituários massivamente. Uma semiose de realeza já pairava pela arena social, pois desde os primeiros dias de maio fomos bombardeados pelas redes sociais digitais e pela mídia televisiva com imagens, roupas e simbolismos da coroação de Rei Charles III, realizada em 6 de maio de 2023 (a primeira da era digital, transmitida ao vivo para o mundo). Antes das mortes das ditas rainhas do rock, as matérias jornalísticas nos preenchiam com a história da coroa de Santo Eduardo, a história da cadeira medieval de 700 anos a ser utilizada pelo rei, a história da Abadia de Westminster e uma série interminável de perfis sobre os convidados, a rainha consorte, os sucessores do trono, os cantores – e até aqueles não bem-quistos no evento, gerando um rescaldo semiótico da realeza e do nacionalismo inglês mundo afora.

Interessante notar como a figura monárquica da rainha é utilizada como metáfora para engrandecer tais cantoras – ofuscando, também e inevitavelmente, outras perspectivas de suas trajetórias². Que outras conexões poder-se-ia fazer entre Tina e Rita? A iconografia de seus cabelos chamativos? O alçar ao sucesso após rompimentos com bandas e amores? Rupturas acerca de certos estereótipos sobre a mulher na música e no social no século XX? A doença no final da vida? Tanto os fios condutivos entre essas duas figuras como a lista de objetos bobos da realeza britânica nos oferecem um rescaldo para discutir o potencial da micro-história como um método que, como diz a entrevistada, não é sobre recortes ou objetos analíticos “pequenos”. A micro-história, nas palavras de Giovanni Levi, averba que, “[...] por meio de um caso, um lugar, um documento, um acontecimento, lidos a partir do aumento da escala, busca identificar perguntas que possuam valor geral e que, entretanto, permitam um amplo leque de respostas” (Levi, 2020, p. 20). Ou seja, um olhar aproximado, de perto, como se colocasse a situação estudada sob a lente do microscópio e assim visualizar o que não aparece através de uma perspectiva mais distante, ampla e externa. Assim, seria possível desnudar redes de conexão, outros sentidos, diferenças e vivências que apontariam não apenas para realidades mais complexas, mas também desestruturariam tanto a ideia de “rainha” como esse enquadramento apenas no gênero rock. O que é subjetivo e também excepcional, aquilo que parece não ser importante ao primeiro olhar, entre outros aspectos desinteressantes e contraditórios (fiascos, brigas, rede de relacionamentos, modos de se vestir, infância), ganha destaque na pesquisa. Um

¹ Para ilustrar a metáfora, sugere-se a leitura do obituário da Rolling Stone intitulado *Tina Turner, Queen of Rock & Roll, Dead at 83*, escrito por Brittany Spanos e David Browne (2023). Tina Turner é destacada como Queen of Rock também nos obituários de veículos como Le Monde, Reuters, CBSNews, O Estado de S. Paulo e outros.

² Entre os variados obituários que denominam Rita Lee como rainha, sugere-se o do G1 intitulado *Rita Lee, a rainha do rock brasileiro, morre aos 75 anos* (Rita Lee [...], 2023).

olhar atento aos detalhes, ao que parece insignificante, torna-se fundamental, pois os elementos marginais, indícios, são tomados como vias de acesso a universos e conexões invisíveis, porém não menos importantes.

Depois de quase 50 anos da publicação de *Sinais: Raízes de um Paradigma Indiciário*³, este parece ser o texto que mais ganhou aderência no campo da Comunicação vindo dos historiadores italianos. Braga (2008), em *Comunicação, disciplina indiciária*, advoga pela apropriação do método ginzburgiano pelo campo comunicacional, frisando o trabalho de articular as diferentes pistas encontradas no rastreo de objetos comunicacionais. Porém, muitos outros trabalhos passam despercebidos ao campo, como *Micro-história: duas ou três coisas que sei a respeito*, no qual Ginzburg (2007) realiza uma metateoria ao fazer uma espécie de micro-história do próprio termo “micro-história” e *Das trevas medievais ao black-out de Nova York*, em que Ginzburg (1989a) remonta como um blecaute ocorrido nos anos 1960 acaba adentrando o imaginário americano e influenciando a produção de ficção científica e outros produtos midiáticos com a temática do “fim do mundo”. Mas será que a micro-história se resume à obra de Carlo Ginzburg?

Nessa entrevista, Vendrame apresenta outros nomes de igual ou maior peso, dá exemplos de como o campo comunicacional poderia se apoderar do método micro-histórico e fala da dificuldade dos cientistas frente a arquivos, documentos e fontes que se corrompem facilmente no meio digital. Uma das coisas que mais me chamou a atenção na fala de Vendrame é uma certa preocupação que seu trabalho afete outras temporalidades, realidades e campos para além da História. Até por isso essa conversa se fez emergente, pois muitas de suas análises e interpretações se conectam facilmente com problemas sociais contemporâneos. A partir de sua análise sobre episódios de violência e crimes ocorridos nas regiões de colonização italiana do Rio Grande do Sul, entre o final do século XIX e início do XX, é possível investigar os processos de racialização, como as fronteiras étnicas eram construídas no cotidiano concreto, como a xenofobia e a branquitude se manifestavam, reforçando estruturas racistas e garantindo a exclusão do outro. As experiências e vozes das mulheres consideradas “loucas” e “criminosas” ajudam a pensar como a exclusão, o controle e a criminalização de práticas ligadas ao universo feminino foram conformando os lugares e os papéis de gênero. A violência que atualmente tem sido percebida pelo aumento dos crimes (especialmente feminicídio) dos quais as mulheres são vítimas não é um fenômeno atual, mas que marca toda a história feminina.

³ Ver Ginzburg (1989b).

Marca por exclusões, silenciamentos, resistências e lutas por direitos. É um questionamento constante em relação ao local em que é colocada, ao modo como deve ou não agir, o que deve sentir, garantindo assim a manutenção de estruturas profundas e invisíveis de controle e negação da liberdade. Outros trabalhos de cunho criminológico – ao serem espelhados – ajudam-nos a compreender a sede de consumo pelo gênero *true crime*, casos de cancelamento, linchamentos virtuais e outras práticas de vingança e ódio na atualidade.

Conversamos por uma hora e meia por Google Meet – cenário em que se pode ver a biblioteca da professora, que reside no bairro do Bom Fim, em Porto Alegre. Maíra Ines Vendrame é Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e coordenadora do Grupo de Pesquisa em História Social, Escalas, Trajetórias e Conexões Atlânticas (GEPHS). A partir da tese de doutorado *Ares de Vingança*, que foi agraciada com o prêmio ANPUH-RS, publica, em 2016, o livro *O Poder na Aldeia* – obra que ganhou tradução para língua inglesa em 2020⁴. Vendrame organizou diversos livros, juntamente com colegas, como: *Ensaio de Micro-história, Trajetória e Imigração*, de 2016; *Micro-história, um método em transformação* apresentado ao público em 2020; e *Territórios da História: o micro, o local e o global*, lançado em 2023. Todas as três obras resultam de edições do *Simpósio Internacional de Micro-História, Trajetórias e Imigração*, cuja quarta edição ocorreu na modalidade remota em 2021. Recentemente, ao lado de Mônica Ribeiro de Oliveira, organizou a publicação do livro *Centro e periferia de um Estado absolutista: três ensaios sobre o Piemonte e a Ligúria na era moderna*, de 2024, com textos de Giovanni Levi traduzidos do italiano.

Ou seja, Vendrame é uma das principais vozes acerca da micro-história no Brasil, sobretudo porque, além de estudar, analisar, escrever e orientar pesquisas que utilizam o método da micro-história, também se embrenha na tradução de textos, divulgação e intenso diálogo com pesquisadores (sobretudo da Itália). Quando conversamos, o Programa de Pós-Graduação em História ao qual integrava acabara de ser desativado com mais outros 11 cursos – notícia que foi um baque a nível nacional. Isso mostra que mesmo carreiras consolidadas na academia brasileira ainda estão suscetíveis a instabilidades e dificuldades de manter pesquisas importantes ativas. Após a entrevista, Vendrame seguiu professora do Curso de História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), porém, atualmente, encontra-se vinculada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

⁴ Ver Vendrame (2020b).

Obrigado pelo aceite dessa entrevista. Eu gostaria de começar pelo contexto da micro-história. Como uma corrente surgida na Itália ganha amplitude internacional? O que está acontecendo no campo da História nesse momento?

Vendrame: Obrigada, Gilmar. Obrigada pelo convite e por abrir esse espaço de diálogo. Eu gosto muito de conversar sobre a micro-história, sobre pesquisa e espero responder algumas de suas perguntas. Primeiro é preciso entender o momento em que a perspectiva microanalítica surgiu no contexto italiano. Como surge? A gente tem de levar em conta que o primeiro movimento dos principais expoentes da micro-história italiana – que seria o Carlo Ginzburg, o Giovanni Levi, o Edoardo Grendi, o Carlo Poni – é o de constituir uma revista: a *Quaderni storici*. Ela foi criada nos anos 1970 e ela vai reunir os debates iniciais desses historiadores que propunham uma nova maneira de pensar a construção do conhecimento histórico. E nessa revista – tentando fugir da ideia de modelo – eles vão discutir e propor novos métodos e maneiras de desenvolver a pesquisa e narrar que fossem mais inclusivos e democráticos, uma vez que consideravam a inclusão de pessoas e problemáticas até então não consideradas relevantes para o desenvolvimento de uma História Social. Eles estavam se opondo a um tipo de História que reforçava modelos historiográficos que simplificavam muito a realidade social, principalmente: explicações estruturalistas; visões que tendiam dar um grande peso para as questões apenas econômicas; perspectivas que lidavam com os processos de uma forma muito externa e ampla, desconsiderando a complexidade e as diferenças. Um exemplo que eu utilizo em minhas aulas e que eu ouvi diretamente de Giovanni Levi é de que o interesse da micro-história era não só estudar os operários que iam para greve, mas os operários que não iam para a greve (porque nem todos iam para a greve). Para essa historiografia marxista do período – que via por um viés econômico – predominava olhar para esse grupo de uma maneira ampla, não nas suas contradições internas, mas sim, considerando que todos partilhavam a mesma ideologia, de um mesmo pensamento, que existia uma consciência de classe onde todos estavam em sintonia. Portanto, a micro-história vai questionar essas explicações muito esquemáticas, estruturalistas e visões que tendiam dar um peso grande para as questões econômicas sem considerar aspectos sociais, culturais e familiares. Na revista *Quaderni storici* é importante mencionar um primeiro trabalho fundante, um artigo de Edoardo Grendi publicado em 1977⁵, a quem eu considero o pai da micro-história.

⁵ Ver Grendi (1977).

Grendi defende a necessidade de se propor e de se fazer uma nova História Social centrada na microanálise (ele não traz a micro-história, mas ele já traz nesse texto uma definição para a microanálise). Ele vai destacar a importância de o universo relacional dos indivíduos ganhar atenção nas pesquisas históricas. Com quem as pessoas se relacionam? A importância de se perceber a relação entre indivíduo, família, comunidade e o mundo externo na escala micro, dimensão concreta da vida local. Confere destaque para a conexão entre as diferentes esferas agregativas como produtoras de afinidades, compromissos, identificações e espaços marcados por conflitos, que não eram fechados em si mesmos, mas se ligavam a outras esferas, mais amplas e externas. Para entender o impacto internacional da micro-história é preciso lembrar que a revista *Quaderni storici* tem seu auge nos anos 1980. Nos anos 1990, ela acaba enfraquecendo porque há uma divisão do núcleo duro dos historiadores que a compunham. O enfraquecimento e fragmentação do projeto se liga às carreiras internacionais de cada um: Carlo Ginzburg vai trabalhar nos Estados Unidos, vivendo muitos anos em universidades americanas; Giovanni Levi também atuará em universidades europeias; mas é Ginzburg, durante seu tempo nos Estados Unidos, que leva todas as discussões da micro-história para além das fronteiras nacionais da Itália. Se, em um primeiro momento, a discussão da micro-história começa com um viés de crítica política, ao sair das fronteiras italianas e ganhar essa dimensão e diálogo internacional, vai começar a se definir e se refinar, consolidando-se como uma perspectiva metodológica. A micro-história passou a ser reconhecida como um método aplicado a pesquisas temáticas bastante diversas. Ela nunca foi utilizada de um único modo, nem existiu apenas uma definição dessa perspectiva metodológica. Se, por um lado, havia pontos em comum entre seus defensores, por outro, diferenças marcavam divisões internas. Essas divergências diziam respeito à potencialidade atribuída a determinadas fontes, ao peso que os aspectos sociais e culturais deveriam assumir nas análises e à forma como deveria ocorrer o diálogo entre as diferentes escalas de observação, isto é, entre o local e o mais geral. Seguindo o caminho dos mestres, os ex-orientandos de Giovanni Levi e de Carlo Ginzburg também se inseriram em universidades europeias, francesas principalmente, tais como Simona Cerutti, Sabina Loriga e Maurizio Gribaudi.

Poderia me falar mais sobre a relação entre a micro-história e o pós-estruturalismo. Algo que eu gostaria de entender melhor é a crítica que o Ginzburg (2006) faz à *História da Loucura* e à análise que Michel Foucault (1977, 2005) faz de Pierre Rivière. Que tensão é essa?

Vendrame: Farei referência a um texto de Maurizio Gribaudi (2016) que está no livro que organizei intitulado *Ensaio de Micro-História, Trajetórias e Imigração*.⁶ Em *A longa marcha da Micro-História: da política à estética?* Gribaudi vai falar um pouco desse percurso inicial da micro-história – que nasce de uma contestação política e de uma crítica que esses primeiros expoentes vão fazer a um tipo de História que era linear, teleológica, que não via a complexidade e a agência do indivíduo. Era uma visão que invisibilizava as pessoas comuns, suas escolhas e ideias, pois todos estavam presos às estruturas, não existindo negociação, outras racionalidades e escolhas. Ocorre, então, a crítica a esse tipo de História sem agência das pessoas comuns, dos trabalhadores, camponeses, operários, dos perseguidos, criminalizados e daqueles que não faziam parte dos grupos dominantes. A ação de um indivíduo que causava ruptura e movimento não era vista nesse tipo de História – e aí, quando a gente pensa *que* indivíduo causava a ruptura, pensava-se sempre no grupo e na classe, não vendo as divisões internas, contradições e diferentes laços que aproximavam e distanciavam aqueles que compunham essa agregação social. A classe não é uma só, não é homogênea, um grupo nem sempre partilha das mesmas ideias. Gribaudi vai trazer essa discussão no artigo mencionado ao buscar responder a essa pergunta. Em um segundo momento aflora a discussão sobre o método. A micro-história nasce para ver a ação individual, para dar visibilidade para a agência das pessoas que viviam em diferentes condições, para trazer complexidade para a realidade social, ela vai, de certa forma, mostrar como os indivíduos – especialmente aqueles que não pertencem aos grupos mais abastados economicamente – jogam com as estruturas. Essas [estruturas] não são vistas como jaulas, que imobilizam totalmente o sujeito, que não consegue afastar um pouco as grades, não consegue fazer nada, não joga, não mexe. Ele está preso na estrutura?. A micro-história possibilita perceber as frestas da agência, a maneira como as pessoas jogam a todo o momento com as diferentes estruturas a partir de uma racionalidade e uma lógica que precisa ser compreendida e desvendada pelo historiador. Não existe uma única maneira de reação, mas múltiplas maneiras, escolhas, caminhos e compreensões. É essa complexidade do social e essa relação entre estrutura e agência [que] precisa ser explorada. As

⁶ Ver Vendrame, Karsburg e Moreira (2016).

escolhas são diferentes, mas existe uma moralidade e racionalidade que é partilhada, revela algo profundo sobre uma determinada realidade social.

Como foi a recepção da micro-história no Brasil? A professora acredita que há um superdimensionamento do Ginzburg e um apagamento, por exemplo, do Edoardo Grendi e do Giovanni Levi?

Vendrame: Vou começar pelo final da sua pergunta, sobre se há um superdimensionamento de Ginzburg. Eu acho que não. Acho que tem a ver com a trajetória internacional do Ginzburg. Se olharmos para o Grendi, ele morre prematuramente, em 1999, em uma viagem para a Inglaterra, mas ele é considerado o principal expoente e o pai da microanálise – e de uma micro-história que vai influenciar muito a produção historiográfica no Brasil a partir dos anos 1990 e, principalmente, nos anos 2000 para cá, especialmente com a tradução e publicação no Brasil do livro de Jacques Revel (1998), intitulado *Jogos de Escalas*, e *A herança imaterial*, de Giovanni Levi (2000). Antes da publicação desses dois livros, temos toda uma produção historiográfica sobre o Brasil Colônia, que irá estabelecer diálogo com o modelo de micro-história proposto por Carlo Ginzburg. O estudo de sujeitos marginais, anônimos, a utilização de fontes inquisitoriais e judiciais para apreender a realidade concreta, construir uma história que considere as vozes dos perseguidos, dos vencidos, escravos, nativos e população marginalizada no geral, irá ganhar espaço. O diálogo interdisciplinar, com a Antropologia e com outras áreas do conhecimento, marca os estudos que se inspiram na referida perspectiva. Na sequência da adoção do modelo *ginzburgiano* de micro-história (essa definida como uma proposta que dava atenção para o universo cultural), começa a ganhar espaço as sugestões de pesquisadores como Edoardo Grendi e Giovanni Levi. Estes destacavam a importância da reconstrução dos vínculos e interações sociais. A atenção que esses historiadores conferiram, em suas investigações, ao universo social e cultural – não analisado de forma isolada – marcou o debate a partir da ideia de que existiam dois modelos de investigação microanalítica. Nesse sentido, desde o seu início, a micro-história não foi utilizada de um único modo, nem existiu apenas uma definição dessa perspectiva metodológica. Se, por um lado, havia pontos em comum entre seus defensores, por outro, existiam diferenças que marcavam divisões internas. Essas divergências diziam respeito à potencialidade atribuída a determinadas fontes, ao peso que os aspectos sociais e culturais deveriam assumir nas análises e à forma como deveria ocorrer o diálogo entre as diferentes escalas de observação, isto é, entre

o local e o mais geral. Quanto ao diálogo interdisciplinar e a trajetória dos principais expoentes do método, é importante mencionar que Edoardo Grendi ficou algum tempo na Inglaterra e estabeleceu ligação profícua com a obra de E. P. Thompson – um historiador que estuda o mundo operário e que estava preocupado com uma história vista de baixo, com a experiência dos operários, com a experiência das pessoas comuns e da relação entre o social e o cultural, ou seja, de não separar o social, o econômico e o cultural. Esse diálogo e a leitura da obra do Thompson será muito importante para fomentar as primeiras discussões da micro-história na Itália. Inclusive, Grendi vai traduzir na Itália uma das obras do Thompson, apresentando o quanto era válido o diálogo antropológico nos estudos sobre o mundo do trabalho e história local, através de uma perspectiva microanalítica. O Grendi não teve suas obras publicadas fora da Itália (a não ser alguns artigos), isso também explica o fato de que a produção dele não tenha sido tão conhecida fora da Itália. Eu confesso que tive alguma dificuldade para entender os livros do Grendi quando li pela primeira vez. Não é uma leitura fácil, é densa, cheia de conexões e possibilidades (talvez esteja aí um dos motivos pelo qual as obras não terem sido traduzidas, pois elas detêm uma densidade que torna difícil a tradução). Com relação à influência da micro-história no Brasil, na minha visão, nós vamos ter Ginzburg como o primeiro autor que impacta a produção historiográfica brasileira – principalmente por conta das discussões sobre história cultural no Brasil nos anos 1980 e nas décadas subsequentes. Como mencionado anteriormente, existe uma separação que coloca Ginzburg como um historiador da cultura e Giovanni Levi e o Edoardo Grendi como historiadores do social; um estaria mais preocupado com as questões mentais e das crenças e os outros dois com questões econômico-sociais. Ambos, Ginzburg e Levi, se opõem a essa separação. Eu particularmente também não gosto, até porque a micro-história tenta quebrar com essas classificações, pois ela não se liga a um campo temático, mas se apresenta como um método que pode ser aplicado para o desenvolvimento de qualquer pesquisa. Levi deu atenção para as estratégias de reprodução econômica e social do mundo camponês do Antigo Regime; e Ginzburg investigou a circulação entre uma cultura erudita e uma cultura popular a partir da leitura empreendida por um simples moleiro que viveu no século XVI. É importante mencionar que toda essa compreensão sobre a micro-história italiana começou a ser construída por mim durante o intercâmbio que realizei no doutorado, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Assim, acompanhei no ambiente acadêmico os desdobramentos da publicação da obra de Giovanni Levi (2000), *A herança imaterial*, no Brasil. No que diz respeito às últimas duas décadas, percebo uma influência mais significativa das sugestões de Giovanni Levi – e também de Edoardo Grendi – do que de Carlo

Ginzburg na historiografia brasileira. É importante deixar claro que não se pode afirmar que esses autores compreendem a micro-história de maneira divergente. O que ocorre é que a micro-história se caracteriza por diferentes experiências historiográficas, em razão dos temas abordados, das fontes mobilizadas, dos conceitos e problemas formulados, bem como dos métodos empregados, como é o caso do método indiciário e do método onomástico, formulados por Ginzburg. Ainda assim, eles compartilham diversas ideias fundamentais, entre elas a centralidade do “micro”, isto é, a análise realizada a partir de uma escala microscópica como estratégia para a formulação de problemas mais amplos.

Eu gostaria de saber quais críticas, perigos ou cuidados que a própria Maíra Ines Vendrame adverte acerca da micro-história?

Vendrame: Esse termo “micro-história” acaba sendo ruim para nós que utilizamos essa perspectiva metodológica, porque dá a impressão, para quem não tem uma compreensão sobre o debate, de que se trata da realização de estudos sobre um local, algo pequeno, como a história de lugar, uma pessoa ou um evento micro. No entanto, a micro-história não é nada disso. Apesar de nos últimos anos o conhecimento sobre a perspectiva metodológica ter avançado, ainda se encontra na academia pessoas que compartilham dessa compreensão equivocada de micro-história, ou seja, que ela está ligada ao tamanho do objeto de análise e a determinados problemas de investigação, como a vida dos excluídos, marginalizados e invisibilizados nos grandes processos. Discursos como: “Quem estuda micro-história estuda um padre doido que morreu de uma forma trágica em uma aldeia”; “Quem faz micro-história é quem estuda figuras marginais”; “É quem estuda um povoado”. É como se a perspectiva fosse eficiente apenas para alguns temas, problemáticas e objetos. No entanto, o que defendo é que a abordagem microanalítica pode ser utilizada para desenvolver pesquisa, independentemente do assunto, inclusive na Comunicação, pois trata-se de um modo de olhar para fontes, extrair delas perguntas, construir objeto de análise, acessar diferentes contextos e conexões, que não podem ser apreendidas de outra maneira. Parte-se, portanto, do princípio que defende a utilização de um microscópio para ver coisas que a olho nu você não consegue ver. Utilizando um microscópio você aproxima a lente, você olha de perto o documento, você olha de perto o seu objeto, você vê coisas que não veria se olhasse à distância. O estudo de uma trajetória ou um episódio são sempre tomados como os meios para o pesquisador chegar a novas problematizações ou respostas, nunca é o fim em si mesmo. Estudar um povoado ou um

moleiro desconhecido, como Menocchio, é sempre a porta de entrada para se entender questões maiores do período, que vão além do personagem. O fim nunca é o personagem, o fim nunca é a aldeia, o fim nunca é o fato excepcional. Você colocou no início, Gilmar, uma das afirmações de Giovanni Levi (2020) para definir a micro-história, e é essa ideia o cerne da questão: a micro-história faz perguntas gerais partindo do estudo de casos específicos, anômalos, registros e dados excepcionais. As respostas são diversas se eu for estudar dois indivíduos que viveram em Porto Alegre – no mesmo bairro, são da mesma família ou mesma parentela –, pois eles vão ter trajetórias diferentes mesmo vivendo no mesmo lugar, porque farão escolhas variadas. São respostas específicas, mas as perguntas devem ser gerais – porque a micro-história nunca é história local, ela nunca deve ficar na história do caso em si, de um percurso ou evento; ela tem de dialogar com a história mais geral, não para confirmar essa na realidade concreta específica, mas para propor novas maneiras de entender os processos históricos amplos. Mas como fazer isso na análise? Lançando questionamentos para essa fonte e fazendo uma leitura densa dela. Pode-se fazer, por exemplo, a leitura de um filme. Em que momento foi produzido? Por quem foi produzido? Qual a relação entre o produto e o percurso, a vida do seu criador? Com que intenções e o que queriam? A que público se destinava? São várias as perguntas que podem contribuir para a construção de uma problemática mais ampla, que vá além de um filme específico e permita compreender, por exemplo, outras produções do mesmo gênero e do mesmo período. Utilizar o método da micro-história para analisar um gênero cinematográfico de determinada época exige ir além da simples avaliação do material fílmico como fonte. Faz-se necessário mobilizar outras fontes e registros, investigar a trajetória dos diretores, bem como considerar aspectos sociais, culturais, econômicos e até políticos que marcam a sociedade que consumirá esse material. Muitas vezes, para compreender os diferentes fatores que garantem o sucesso de determinadas produções cinematográficas em uma época específica, é preciso ultrapassar aquilo que é retratado de maneira mais evidente no filme, pois tais fatores se relacionam a questões socioculturais profundas de um grupo e de um determinado contexto histórico. Retomando o que já foi mencionado, é fundamental lembrar que a *história local não é representativa do geral*. O desafio da micro-história não consiste em permanecer no recorte reduzido, mas em utilizá-lo como estratégia para formular problemas mais amplos. O impacto da produção desses historiadores italianos no Brasil foi significativo; no entanto, nem sempre os trabalhos desenvolvidos conseguem manter sintonia com as orientações formuladas pelos principais expoentes da micro-história. Ainda encontramos pesquisas que se restringem ao âmbito local, sem conseguir construir, a partir de

um estudo denso e detalhado, uma problemática mais abrangente, capaz de dialogar com questões de maior alcance interpretativo.

Uma das críticas a *Andarilhos do Bem* de Carlo Ginzburg (2010), feita pelo historiador Alberto Tenenti (1967), é de que ele advoga por uma diversidade de documentos, mas ao mesmo tempo ele não utiliza fontes que não sejam inquisitoriais, isto é, não utiliza cartografia, estatística ou tratados demoníacos. Você pode concordar ou discordar, mas eu gostaria de pegar esse gancho para perguntar se a professora não acha que ainda há uma certa reticência no uso de fotografias⁷ ou cartografia e outros tipos de documentos. Quando vamos passar a utilizar de maneira mais ampla documentos do contemporâneo como games, pornografia, filmes, séries, memes nas análises micro-históricas?

Vendrame: Na micro-história – sobretudo na perspectiva de Giovanni Levi e de alguns pesquisadores brasileiros – há uma defesa enfática do uso de fontes de natureza variada no desenvolvimento das pesquisas, com destaque para a heterogeneidade documental. Parte-se do princípio de que todo documento pode ser válido para a investigação histórica, desde que submetido a uma leitura crítica que busque ir além do conteúdo imediatamente apresentado. Ler o que não está visível, o que não aparece ou não é claramente mencionado, só se torna possível a partir da formulação de perguntas dirigidas à fonte. Assim, o cruzamento de informações extraídas de diferentes registros documentais, bem como o questionamento das intenções não explícitas dos sujeitos, possibilita compreender os silêncios, o não dito e outros sentidos que extrapolam as informações diretamente apresentadas. Todo o tipo de fonte é válida: cartas, fotografias, documentos oficiais, narrativas orais. Eu acho que isso ficou mais evidente nesse contexto pós-pandemia em que se amplificou a discussão em relação a utilização de outras fontes acessíveis em arquivos e bibliotecas virtuais em outros países: mapas, livros, manuscritos, jornais e até documentos audiovisuais; o que permite até análises comparativas – o que é algo que a micro-história também recomenda. Dá para comparar um filme ou um game aqui do Brasil de determinado período com um filme ou um game lá do outro lado do mundo. É uma seleção muitas vezes arbitrária, porque as pessoas que produziram os filmes ou os games analisados nunca se viram ou nunca se cruzaram, mas eles estão vivendo

⁷ Um exemplo de utilização de fotografias (retratos de família) ou de diversidade de fontes imagéticas em análise micro-histórica pode ser conferido em Galeano (2020) e Vendrame (2013).

em um contexto e talvez sendo influenciados por um momento – e a partir do conhecimento que o pesquisador tem, ele conseguirá elaborar um problema de pesquisa de relevância geral a partir da adoção da comparação à perspectiva microanalítica. Com relação à crítica feita a Ginzburg: sim, ele trabalha no *O Queijo e os vermes*, por exemplo, com processos da inquisição que julgam o comportamento do moleiro Menocchio. Para localizar o processo que ele considerou ser um documento excepcional, bem como o próprio sujeito analisado, o historiador trabalhou com muitos outros processos. Até mesmo porque trabalhar com muitos processos ajudou a compreender o contexto de produção daquele tipo de documento, bem como encontrar um que ele julgou ser excepcional, que possibilitou analisar Menocchio. Na documentação escolhida, Ginzburg conseguiu ver coisas que não apareciam em outros registros inquisitoriais, como um sujeito investigado que via os inquisidores como interlocutores, motivo pelo qual expôs suas ideias, apontando assim para os modos como as pessoas pertencentes ao mundo não erudito tinham acesso, liam e compreendiam determinados livros. Quando você lê *O Queijo e os vermes*, dá vontade de dizer: “Para, Menocchio! Não faz isso! Silencie-se!”, mas ele fala mais, e sempre mais, e expõe as visões que ele tinha sobre a criação do mundo, sobre a criação da humanidade, sobre a virgindade de Maria. Ao falar essas coisas para os inquisidores, revela-se a excepcionalidade – do documento e do personagem. Para compreender as ideias expressas por Menocchio, o documento inquisitorial é extremamente rico, pois revela o que ele dizia aos inquisidores e permite identificar parte das leituras que fundamentavam suas concepções. No entanto, Carlo Ginzburg não se limitou ao processo judicial, nem a um ou dois autos específicos. Foi necessário buscar os livros que o moleiro leu – obras que se tornaram acessíveis em razão da crescente difusão impressa a partir do século XVI –, além de recorrer à historiografia para compreender quem Menocchio leu e de que maneira realizou essas leituras. Menocchio era alfabetizado, algo raro em uma aldeia do século XVI, especialmente entre moleiros. Para entender como ele elaborou as explicações apresentadas perante a Inquisição, Ginzburg precisou mobilizar outras fontes e demonstrar amplo conhecimento do contexto cultural e dos autores da época. O historiador realizou um exercício de imaginação, uma vez que nem tudo é encontrado com clareza nas fontes. Logo, a pesquisa histórica exige trabalho interpretativo: as provas não se apresentam de forma transparente. Esse exercício de imaginação, contudo, não pode ser confundido com invenção; trata-se de uma imaginação controlada, sustentada pela escuta atenta dos indícios presentes nas fontes. Não é uma imaginação livre, mas ancorada em elementos concretos, como, por exemplo, os livros que circulavam na época e que poderiam ter sido lidos por

Menocchio. É verdade que Ginzburg não procurou reconstruir de maneira sistemática as redes de relações de Menocchio nem seus interlocutores na aldeia, crítica essa feita já à obra. As pessoas com quem ele dialogava cotidianamente quase não aparecem no livro: com quem se relacionava? Com quem discutia suas ideias? Quem solicitava seus serviços de moagem? Se fosse Giovanni Levi a estudar Menocchio, provavelmente desenvolveria mais essa dimensão relacional, dando maior atenção às conexões sociais e aos contextos de interação que não ocupam lugar central na obra de Ginzburg. Mas toda pesquisa implica escolhas e recortes; não é possível trabalhar com tudo.

Como a professora vê a questão da efemeridade documental? Isto é, nunca se produziu tantos arquivos, mas ao mesmo tempo eles são facilmente perdidos. Qual o papel do historiador nesse cenário e como isso implica num método historiográfico na internet?

Vendrame: Eu acredito que a pandemia da Covid-19 evidenciou tudo isso: nunca se produziu tantos documentos – virtuais, online, vídeos – que ficam nas redes, mas que esquecemos deles logo após assisti-los ou lê-los. Há um problema porque como você irá citar depois, disponibilizar o link do site, do arquivo, para que outro pesquisador possa ver aquele documento? Você fica impossibilitado de utilizar mesmo se você tiver construído um acervo, pois, às vezes, o link já não leva mais ao documento. Lembrei do filósofo polonês Zygmunt Bauman (2004), que disse que a gente vive numa sociedade líquida, onde não só os documentos mas também as relações são efêmeras, frágeis, superficiais, momentâneas. Por outro lado, temos as grandes empresas de tecnologia que estão armazenando dados – que são considerados bens muito valiosos. Em algum lugar muita coisa está sendo guardada e conservada. São grandes companhias com imensos bancos de dados, com informações detalhadas das pessoas – o que é um perigo, pois, como isso será utilizado depois? Voltando à sua questão: a micro-história é um método que demanda leitura lenta e atenta aos indícios, requer um tempo prolongado de investigação em fontes primárias, de análise dos dados e de comunicação da pesquisa por meio de uma narrativa que apresente não apenas os resultados, mas também o percurso – o verdadeiro “laboratório” que conduziu a determinadas escolhas e conclusões. Não se trata apenas de estudar o lugar, mas de estudar *no* lugar, isto é, de se inserir nele. A micro-história demanda que o pesquisador permaneça meses sobre um mesmo maço de documentos (ou sobre um conjunto de filmes ou séries), atento aos indícios, às recorrências

e às variações, explorando possibilidades e dialogando com outros autores para compreender e lançar um foco de luz sobre determinado aspecto do problema. Muitas vezes, porém, não dispomos desse tempo, em razão de prazos institucionais e do ritmo acelerado da vida acadêmica, o que pode comprometer a pesquisa e seus resultados. Por outro lado, a tecnologia digital nos auxilia na localização de documentos em arquivos on-line, como, por exemplo, no site da Biblioteca Nacional: você digita uma palavra, o nome de alguém, um evento, uma data e você localiza o periódico, no dia e mês determinado; certo tempo atrás isso não era possível. Quando se realiza apenas uma busca rápida na internet, corre-se o risco de deixar muita coisa de fora. Ler uma sequência de edições de um jornal, observar em que página determinado assunto aparece e quais temas o antecede ou o sucede fornece elementos fundamentais de contexto. Posteriormente, ao escrever o texto, o pesquisador dispõe de um repertório contextual construído a partir dessas leituras atentas e contínuas. A meu ver, perde-se muito com a aceleração proporcionada pelos documentos disponíveis em rede, sobretudo quando a consulta se reduz a uma leitura rápida que visa apenas acessar uma informação pontual. Contudo, há também ganhos: economiza-se tempo e tornam-se localizáveis rapidamente dados que antes seriam extremamente difíceis de encontrar e cruzar. Uma das coisas que me preocupa é que a aceleração faz com que aquela leitura lenta, atenta, profunda, que a micro-história defende, acabe por deixar passar informações importantes em um documento: lá no arquivo você verá o que está em nota de rodapé e outros detalhes que, para a micro-história, é muito importante. Com o documento na sua tela de computador, isso pode não te chamar a atenção, tornando-se difícil atentar para esses detalhes – aquilo que o Ginzburg diz que aparece nas entrelinhas, os indícios, aquela palavrinha ou aquele termo que pode se tornar uma chave de leitura para acessar um determinado contexto não visível. Lembremos do caso dos *benandanti*, termo que Ginzburg encontrou em meio a centenas de processos inquisitoriais. Ele poderia ter passado por aquela palavra sem lhe atribuir importância – seria apenas mais um processo entre tantos. No entanto, deteve-se sobre o termo, procurou compreender seu significado e o que ele representava para aqueles sujeitos históricos. É justamente aí que se evidencia o chamado paradigma indiciário formulado por Ginzburg (1989b). Diante disso, coloca-se uma questão: é possível captar indícios quando a documentação é toda digitalizada? Essa é uma boa discussão.

Eu gostaria de trazer para a discussão da micro-história no contemporâneo a sua tese *Ares de Vingança* (Vendrame, 2013), porque ali você mostra as redes de relacionamento da colônia Silveira Martins a partir da morte do Padre Sório e aponta várias questões de religiosidade e feitiçaria – que se mostram potentes na atualidade. O que foi mais interessante para mim na sua análise foi a instituição de um conselho que decide não levar para frente a abertura de um inquérito para investigar as circunstâncias dos ferimentos físicos do qual Sório foi alvo. Espelhando para um contemporâneo de redes sociais digitais, nós temos várias situações em que pessoas se unem para cancelamentos, linchamentos virtuais, expor nudes de ex-namoradas como pornografia de vingança. No Guarujá, em 2014, apontaram Fabiane Maria de Jesus como bruxa na rua e ela foi morta. Além de que vários produtos midiáticos como documentários, filmes e séries enaltecem o elemento da vingança. Você não acha que existe um culto à vingança exacerbado na contemporaneidade?

Vendrame: Eu acho que sim, que há uma cultura do justicamento. Eu lembro desse caso do Guarujá e de outros casos de linchamento que ocorreram tanto nos meios urbanos como nos meios rurais na época contemporânea e que guardam relação com episódios que analisei do final do século XIX e início do século XX – um grupo de pessoas se une e se articula para punir (Vendrame, 2016, 2019, 2020a, 2020b). É justamente aí que a abordagem micro-histórica se torna produtiva. No meu trabalho, o “tribunal de grupo” é composto por membros da própria comunidade. A análise desse contexto específico de violência camponesa permite compreender dinâmicas mais amplas, tanto no passado quanto no presente, em diferentes espaços sociais. Nesses episódios, entram em jogo questões de racismo, xenofobia, etnicidade, gênero e honra. Ainda precisamos aprofundar a análise da intersecção entre esses fatores quando estudamos a violência ou práticas de vingança coletiva. A rapidez do linchamento revela uma racionalidade punitiva que valoriza a exposição pública e a marca física como forma de produzir uma punição considerada mais “justa” – justamente por ser visível, exemplar e imediata. Essa lógica de construção de inimigos morais também aparece quando pensamos na figura da bruxa. A sociedade contemporânea continua reproduzindo certos estereótipos femininos, inclusive por meio de uma indústria cultural que explora e reforça imagens da mulher associada ao mal, especialmente quando ela foge a determinados padrões: a mulher de certa idade, com características físicas não enquadradas nos ideais de beleza, que não é mãe, que detém determinados saberes. Historicamente, sobretudo entre os séculos XVI e XVII,

muitas mulheres foram perseguidas sob acusações de bruxaria – frequentemente aquelas que não se enquadravam nos padrões sociais esperados: a vizinha solteira, a mulher sem marido, aquela que detinha conhecimentos sobre ervas e práticas de cura. A figura da bruxa do caldeirão simboliza justamente esse saber ambivalente: a capacidade de curar e, ao mesmo tempo, a suspeita de poder causar o mal. Esses imaginários permanecem vivos no presente, claro [que] com mais força em algumas realidades que em outras. Mas filmes, músicas, produtos culturais e souvenirs reforçam associações entre beleza feminina e pureza, enquanto vinculam feiura ou desvio de padrões ao perigo e à maldade. Discutir isso em sala de aula é uma forma de tornar visíveis essas permanências e estimular um olhar crítico sobre como tais representações continuam operando no cotidiano. Precisamos estar atentos a isso.

Para finalizar, você poderia indicar dois livros e uma série?

Vendrame: *Vulgo Grace*⁸, que é um romance da Margaret Atwood. Inclusive, tem a série na Netflix: *Alias Grace*, de 2017. É sobre um crime que aconteceu nos Estados Unidos na segunda metade do século XIX, é fantástico. Dá para dizer que é um livro de micro-história, mas é literatura. Se for livro teórico eu indicaria *Costumes em Comum*⁹, do E. P. Thompson (por ser um autor muito conhecido e fantástico a partir da historiografia social inglesa), e *Montaillou*¹⁰, de Emmanuel Le Roy Ladurie (um estudo de uma aldeia ao estilo de “micro-história francesa”¹¹ que mostra várias questões: honra, vergonha, fofoca, casamento).

Referências

ATWOOD, Margareth. **Vulgo Grace**. São Paulo: Marco Zero, 1997.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BRAGA, José Luiz. Comunicação, disciplina indiciária. **MATRIZES**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 73-88, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v1i2p73-88>. Acesso em: 19 mar. 2026.

⁸ Ver Atwood (1997).

⁹ Ver Thomson (1998).

¹⁰ Ver Ladurie (1997).

¹¹ É importante lembrar que a concepção francesa de micro-história valorizava o local – sem tanta preocupação com perguntas gerais que a micro-história italiana já advoga como método. Essas diferentes nuances e sentidos etimológicos de micro-história pode ser compreendido em Ginzburg (2007).

FOUCAULT, Michel. **Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão...**: um caso de parricídio do século XIX. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

GALEANO, Diego. Detetives policiais, jornalistas e moedeiros falsos na América do Sul dos anos 1910. In: VENDRAME, Maíra; KARSBURG, Alexandre (org.). **Micro-história: um método em transformação**. São Paulo: Letra e Voz, 2020. p. 283-308.

GINZBURG, Carlo. Das trevas medievais ao black-out de Nova York. In: GINZBURG, Carlo. **A micro-história e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989a. p. 119-130.

GINZBURG, Carlo. Micro-história: duas ou três coisas que sei a respeito. In: GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 249-279.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GINZBURG, Carlo. **Os andarilhos do bem: feitiçaria e cultos agrários nos séculos XVI e XVII**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989b. p. 143-180.

GRENDI, Edoardo. Micro-analisi e storia sociale. **Quaderni Storici**, Bologna, v. 12, n. 35, p. 506-520, 1977.

GRIBAUDI, Maurizio. A longa marcha da micro-história: da política à estética? In: VENDRAME, Maíra; KARSBURG, Alexandre; MOREIRA, Paulo Roberto Staudt (org.). **Ensaio de micro-história, trajetórias e imigração**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2016. p. 32-51.

LADURIE, Emmanuel Le Roy. **Montaillou: povoado occitânico, 1294-1324**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

LEVI, Giovanni. **A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

LEVI, Giovanni. **Centro e periferia de um Estado absolutista: três ensaios sobre o Piemonte e a Ligúria na era moderna**. São Paulo: Letra e Voz, 2024.

LEVI, Giovanni. Micro-história e história global. In: VENDRAME, Maíra; KARSBURG, Alexandre (org.). **Micro-história: um método em transformação**. São Paulo: Letra e Voz, 2020. p. 19-34.

REVEL, Jacques. **Jogos de escala: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

RITA LEE, rainha do rock brasileiro, morre aos 75 anos. **G1**, São Paulo, 9 maio 2023.

SPANOS, Brittany; BROWNE, David. Tina Turner, Queen of Rock & Roll, Dead at 83: legendary singer “died peacefull” Wednesday after a long illness. **Rolling Stone**, New York, 24 May 2023.

TENENTI, Alberto. Una nuova ricerca sulla stregoneria. **Studi Storici**, Roma, v. 8, n. 2, p. 385-390, 1967.

THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VENDRAME, Maíra Ines. Não tinha medo dos gringos: violência e crime nas regiões de colonização italiana do Sul do Brasil. **História Unisinos**, São Leopoldo, v. 24, n. 3, p. 502-515, 2020a. Disponível em: <https://doi.org/10.413/hist.2020.243.13>. Acesso em: 19 mar. 2026.

VENDRAME, Maíra Ines. **Ares de vingança**: redes sociais, honra familiar e práticas de justiça entre imigrantes italianos no sul do Brasil (1878-1910). 2013. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

VENDRAME, Maíra Ines. Loucas e criminosas: crimes femininos e controle social em comunidades de colonização europeia no Rio Grande do Sul (século XX). **História**, São Paulo, v. 38, p. 1-33, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-4369e2019009>. Acesso em: 19 mar. 2026.

VENDRAME, Maíra Ines. **O poder na aldeia**: redes sociais, honra familiar e práticas de justiça entre os camponeses italianos (Brasil-Itália). São Leopoldo: Oikos; 2016.

VENDRAME, Maíra Ines. **Power in the village**. Social networks, honor and justice among immigrant families from Italy to Brazil. London: Routledge, 2020b.

VENDRAME, Maíra; KARSBURG, Alexandre (org.). **Micro-história**: um método em transformação. São Paulo: Letra e Voz, 2020.

VENDRAME, Maíra; KARSBURG, Alexandre (org.). **Territórios da História**: o micro, o local e global. São Paulo: Alameda Editorial, 2023.

VENDRAME, Maíra; KARSBURG, Alexandre; MOREIRA, Paulo Roberto Staudt (org.). **Ensaios de micro-história, trajetórias e imigração**. São Leopoldo: Oikos, 2016.

Microhistory as a method for a digital contemporary

Abstract

In an interview conducted on May 26, 2023, Maíra Ines Vendrame – one of the leading voices in the use of microhistory in Brazil – clarifies aspects of the Italian context in which this perspective originated, drawing on exponents such as Carlo Ginzburg, Giovanni Levi, and Edoardo Grendi, and how it gained international scope and began to influence Brazilian academic production from the

1980s onwards. Microhistory is a method that aims precisely to uncover broader social relationships and meanings through a microscopic lens. The conversation also explored the connection between microhistory and a contemporary world marked by the ephemerality of the internet and digital social networks – which allowed Vendrame to discuss the role of the scientist in the face of corrupting archives and sources, and the application of the microhistorical perspective in series, films, games, and other fictional worlds.

Keywords

microhistory; evidential paradigm; corrupted archives; Giovanni Levi; Carlo Ginzburg

Declaração de disponibilidade de dados

Não se aplica.

Declaração de autoria e responsabilidade

Concepção e elaboração do estudo: Gilmar Montargil, Maíra Ines Vendrame

Coleta de dados: Não se aplica.

Análise e interpretação de dados: Não se aplica.

Redação: Gilmar Montargil, Maíra Ines Vendrame

Revisão crítica do manuscrito: Gilmar Montargil, Maíra Ines Vendrame

Autoria para correspondência

Gilmar Montargil

gilmar.montargil@gmail.com

Maíra Ines Vendrame

Vricamaira@yahoo.com.br

Como citar

MONTARGIL, Gilmar; VENDRAME, Maíra Ines. A micro-história como método para um contemporâneo digital. **Intexto**, Porto Alegre, n. 58, e-151326, 2026. DOI: <https://doi.org/10.22456/1807-8583.151326>

Recebido: 30/10/2025

Aceito: 06/03/2026

Copyright (c) 2026 Gilmar Montargil, Maíra Ines Vendrame. Creative Commons License. Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License. Os Direitos Autorais dos artigos publicados neste periódico pertencem aos autores, e os direitos da primeira publicação são garantidos à revista. Por serem publicados em uma revista de acesso livre, os artigos são de uso gratuito, com atribuições próprias, em atividades educacionais e não-comerciais.

